

DUAS BIBLIOTECAS DE JOSÉ GALBINSKI: “CONEXÕES BRUTALISTAS”?

SANTOS, Erika D. A. dos.

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Mestranda em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco – MDU/UFPE

Endereço: Avenida Profª Maria Sales, 600. Tambaú. João Pessoa-PB. CEP 58039-130.

telefones: (83) 3227-7018 ou (83) 8888-5532

e-mail: erikadiniz.arquitetura@gmail.com

DUAS BIBLIOTECAS DE JOSÉ GALBINSKI: “CONEXÕES BRUTALISTAS”?¹

RESUMO

O mesmo arquiteto, o mesmo programa, o mesmo material, porém duas propostas diferentes, em cidades diferentes, em contextos diferentes. O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar uma análise comparativa do estudo de dois projetos de bibliotecas universitárias projetadas pelo mesmo autor, o arquiteto José Galbinski. A primeira é a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, projeto de 1968, em Brasília, e a segunda, a Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, projetada em 1978, na cidade de João Pessoa. Ainda que tenham sido projetadas pelo mesmo arquiteto, os projetos apresentam soluções aparentemente bastante distintas, uma vez que foram construídas em condições e regiões distintas, apesar de apresentarem “*conexões brutalistas*” evidentes em sua materialidade. O trabalho foca nos aspectos do lugar, espaciais/funcionais, construtivos e estéticos, a fim de verificar as soluções que o arquiteto adotou para o mesmo programa, considerando as questões regionais e climáticas distintas. As bibliotecas foram construídas em um momento de grande centralização das bibliotecas brasileiras, até por serem projetos mais recentes e estarem localizadas dentro de Cidades Universitárias, e instituídas sob o impulso de renovação do ensino superior no Brasil. Ambos os projetos também utilizaram as possibilidades técnicas e construtivas do momento, além de soluções próprias com base no estudo das condicionantes ambientais.

Palavras-chave: bibliotecas modernas, José Galbinski, arquitetura moderna brasileira.

ABSTRACT

The same architect, the same program, the same material, but two different proposals, in different cities, in different contexts. This work has as main objective to present a comparative study of two projects of university libraries designed by the same author, the architect José Galbinski. The first is the Central Library of the University of Brasilia, projected in 1968, in Brasilia, and the second, the Central Library of the Federal University of Paraíba, designed in 1978 in the city of João Pessoa. Although they have been designed by the same architect, the projects have solutions apparently quite distinct, since they were built in different conditions and regions, despite having "connections brutalist" evident in its materiality. The work focuses on the aspects of place, spatial / functional, constructive and aesthetic in order to verify that the architect solutions adopted for the same program, considering the different climatic and regional issues. The libraries were built at a time of great centralization of Brazilian libraries, even for being newer designs and are located within University Cities and instituted under the impulse of renovation of higher education in Brazil. Both projects also used the technical and constructive the moment, besides our own solutions based on the study of environmental constraints.

Keywords: modern libraries, José Galbinski, Brazilian modern architecture.

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa em desenvolvimento dentro do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (MDU/UFPE) sob orientação da Prof^a Dr^a Guilah Naslavsky.

INTRODUÇÃO

O mesmo arquiteto, o mesmo programa, o mesmo material, porém duas propostas diferentes, em cidades diferentes, em contextos diferentes. Não poderia se esperar atitude diferente de um arquiteto, afinal esse profissional, em nosso ponto de vista, tem sempre (ou quase sempre) a intenção de vincular a configuração arquitetônica a contextos espaciais, culturais e históricos imediatos. O arquiteto tem no próprio lugar e na paisagem elementos que sugerem caminhos possíveis ao fazer arquitetônico. Assim poderíamos definir a boa arquitetura como a criação do objeto arquitetônico em um determinado contexto.

Ou como reconheceu certa vez o urbanista Gordon Cullen: um “*exercício da arte do entorno*” sobre as questões de preservação da harmonia visual e do significado cultural das cidades. Com a valorização das versões regionais da arquitetura moderna, consequência direta da difusão dos conceitos pós-modernos de contextualismo e regionalismo, o lugar passou a ter destaque e ser valorizado como elemento essencial da arquitetura, quando se tentava resistir à ideia de um modelo único, de um Estilo Internacional universal que não respeitava as especificidades e diversidades dos sítios e das culturas locais.

Para autores como Norberg-Schulz (2006) e Vittorio Gregotti (2006), a verdadeira essência da arquitetura estaria presente não na construção em si, mas justamente no lugar geo-ambiental e no detalhe construtivo, o que seria a verdadeira essência da produção arquitetônica e que irá refletir as questões locais nos detalhes construtivos. Cada detalhe conta a história de sua feitura, localização e dimensionamento. É a valorização do lugar e das forças do contexto a fim de enriquecer a significação da arquitetura, como propunha o Regionalismo Crítico² em arquitetura.

De acordo com Frampton (2006), o Regionalismo Crítico deveria adotar a arquitetura moderna criticamente, por suas qualidades progressivas e universais, mas ao mesmo tempo deveria avaliar melhor sua inserção no contexto. Apropriando-se de argumentos fenomenológicos, ele sugere que a ênfase deveria estar na topografia, no clima, na luz, na tectônica, e baseada em um estudo das tradições e história locais, em lugar da cenografia, e do senso tátil em lugar do senso visual.

Em um estudo sobre bibliotecas³, apontado por Miranda (1998) como a primeira grande avaliação da experiência brasileira de construção de prédios de bibliotecas universitárias, a hipótese da pesquisa era a de que os prédios de bibliotecas centrais construídos não levaram em consideração o clima da região. Consequentemente, os prédios teriam empregado inadequadamente especificações e/ou soluções de iluminação, ventilação e/ou materiais de construção, não se considerando a importância dos elementos climáticos e regionais na concepção dos edifícios. O que ficou evidenciado ao final do estudo foi que:

² O Regionalismo Crítico é considerado como uma das formas do pós-modernismo em arquitetura. É uma abordagem arquitetural que tenta remediar a indiferença em relação ao lugar onde está situado o objeto arquitetural moderno.

³ AUGUSTINHO, Valci. **Aclimação ambiental dos prédios de Bibliotecas Centrais Universitárias**: especificações de construção seguidas após a Reforma. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB, 1987.

“A maioria das bibliotecas pesquisadas expressou o desejo de levar em consideração o clima, porém grande parte das soluções e dos materiais empregados na construção foi inadequada, uma vez que todos, sem restrição, apresentam algum tipo de problema. As soluções e materiais utilizados não obedeceram à regionalização climática. Materiais e soluções de partidos arquitetônicos foram utilizados indiscriminadamente como se fossem os mesmos para todas as regiões sem considerar o clima de cada região”. (MIRANDA, 1998, p. 14).

O estudo tinha em sua amostra dez edifícios divididos, naturalmente, pelas regiões brasileiras. Estavam na amostra da pesquisa os edifícios das bibliotecas da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Paraíba, ambos projetados pelo mesmo arquiteto. O prédio mais elogiado no estudo foi o da Fundação Universidade de Brasília, que foi visto como exceção *“por ter desenvolvido soluções próprias com base no estudo das condicionantes climáticas”* (AUGUSTINHO, p. 167 *apud* MIRANDA, 1998, p. 04). E o edifício da UFPB (que também foi avaliado pelo estudo), projetado pelo mesmo arquiteto, também não tinha soluções próprias com base no estudo das condicionantes climáticas?

Desse modo, temos como objetivo principal apresentar o estudo de dois projetos de bibliotecas universitárias projetadas pelo mesmo autor, o arquiteto gaúcho José Galbinski⁴. A primeira é a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, projeto de 1968, em Brasília, e a segunda, a Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, projetada em 1978, na cidade de João Pessoa. Ainda que tenham sido projetadas pelo mesmo arquiteto, os projetos apresentam soluções aparentemente bastante distintas para o mesmo programa, apesar de apresentarem *“conexões brutalistas”*⁵ evidentes em sua materialidade.

Muito mais do que a busca por uma aparente aproximação formal e construtiva onde um olhar superficial e menos atento poderia rotulá-las como *“brutalistas”* ou estabelecer *“conexões brutalistas”* por sua aparência superficial e material do concreto bruto e aparente. O trabalho foca nos aspectos do lugar, espaciais/funcionais, construtivos e estéticos, a fim de verificar as soluções que o arquiteto adotou para o mesmo programa, considerando as questões regionais e climáticas.

As bibliotecas foram construídas em um momento de centralização das bibliotecas brasileiras, até por serem projetos mais recentes e estarem localizadas dentro de Cidades Universitárias, e instituídas sob o impulso de renovação do ensino superior no Brasil. O edifício da BC-UnB foi o primeiro a ser construído com essa ideia de centralização, evitando a dispersão do acervo em bibliotecas setoriais, e de racionalização e modernização. (GALBINSKI, 1993).

⁴ José Galbinski nasceu em Porto Alegre e formou-se, em 1957, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduado no MIT, PhD em Cornell, fez pós-doutorado na Hunter College, em Nova York. Mudou-se para Brasília em 1968 e hoje é coordenador do curso de arquitetura do UniCeub, após ter lecionado por 25 anos na UnB. O arquiteto foi homenageado durante o 9º Seminário DCOMOMO Brasil 2011, realizado em Brasília-DF.

⁵ BANHAM. *El brutalismo em arquitectura: ética o estética?* New York: Reinhold, 1966. 196 p. p. 131. Termo empregado por Banham para a ocorrência paralela, em diversos países do mundo, de obras de viés brutalista de origem corbusieriana, mas que não eram necessariamente afiliadas entre si.

A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O edifício da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, projetado em 1968, pelos arquitetos José Galbinski e Miguel Pereira, e colaboração de Walmyr Santos Aguiar e Jodete Rios Sócrates⁶, os quais formaram a equipe que concebeu a arquitetura do prédio que foi concluído em 1973. A obra está localizada dentro do Campus Universitário da UnB ocupando o espaço da Praça Maior que lhe era destinado. Está situada próxima a duas edificações de grande importância para a instituição (a Reitoria e o Restaurante Universitário), as quais foram construídas posteriormente no início dos anos 1970.



Figura 1: Fachada da Biblioteca Central da UnB, em Brasília, projeto dos arquitetos José Galbinski e equipe.
Fonte: Arquivo da autora (2011)

A primeira biblioteca da Universidade de Brasília foi aberta durante a criação da UnB, em 1962, quando funcionava na Esplanada dos Ministérios, no edifício do MEC, onde foram abertos seus primeiros cursos experimentais de Direito, Economia, Administração e Arquitetura e Urbanismo. Nesse mesmo ano a Biblioteca Central da UnB foi criada com o paradigma de centralização, opondo-se ao sistema de bibliotecas dispersas. Com a inauguração do campus, a biblioteca foi transferida em 1964 para o edifício SG-12 e em 1973 houve a mudança para seu prédio definitivo.

Ocupando uma área total de 16.000 m², a biblioteca foi implantada na Praça Maior⁷ tendo sua fachada principal voltada para sudeste como forma de integração com os demais edifícios da mesma. O sentido dessa orientação favorece parte da ventilação que ocorre na região já que em Brasília há a predominância de ventos leste durante os meses de março a setembro, seguido de nordeste e sudeste, que ocorrem entre os meses de outubro e fevereiro. É justamente entre os meses de março a outubro quando ocorre a estação seca, e a umidade relativa do ar cai de valores superiores a 70%, para menos de 20%, no final do período.

⁶ Entre os inúmeros edifícios do Campus da UnB construídos entre 1963 e 1968, vários foram obras de profissionais associados ao Departamento de Arquitetura então criado. ACAYABA & FICHER, 1982. p. 86

⁷ Além dos edifícios da Biblioteca e da Reitoria, foram previstos para serem implantados os edifícios do Museu, da Aula Magna e do Centro de Vivências, que não foram construídos.



Figura 2: Localização da Biblioteca Central da UnB (em vermelho), no Campus Universitário. Em azul, a Reitoria, em amarelo o Restaurante Universitário, e em verde, o Instituto Central de Ciências - ICC.

Fonte: Google Maps editado pela autora (2013)

Assim como os demais edifícios pensados para ocupar a Praça Maior, onde estariam localizados todos os demais serviços da Universidade, a Biblioteca Central foi projetada enquanto edifício monumental, já que foi implantada, assim como os demais, nas cotas mais baixas do terreno do campus – ao contrário do Instituto Central que se adapta às curvas naturais do terreno ocupando a cota intermediária do Campus e foge da monumentalidade excessiva. Como as cotas inferiores deixariam o edifício da biblioteca exposto às intempéries, os arquitetos optaram por enterrar o edifício no subsolo, além de criar uma grande cobertura limitada por pórticos com grandes placas verticais de concreto armado, que funcionam para sombreamento e captar a ventilação.

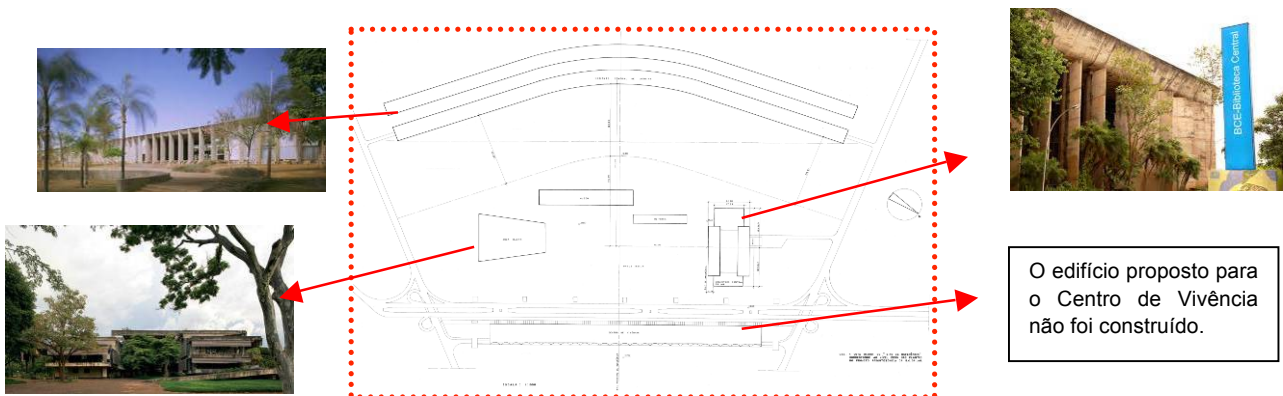


Figura 3: Implantação da Biblioteca Central em meio aos demais edifícios projetados para ocupar a Praça Maior.

Fonte: CEPLAN (1969) editado pela autora (2013).

Formalmente o edifício apresenta uma configuração complexa dividida em três volumes diferentes. O edifício é constituído por um bloco central mais vertical e dois blocos horizontais em suas extremidades. Em suas faces sudeste e noroeste limitadas por um pórtico de grandes placas verticais de concreto armado dispostos de modos variados, que funcionam como *brises-soleil* para sombreamento dos espaços internos. Esses pórticos são cobertos por uma laje de coroamento que parece pousar sobre os pórticos permitindo o sombreamento dos mesmos e dos interiores dos ambientes.



Figuras 4: Detalhes da volumetria e da estrutura externa da Biblioteca Central com detalhes dos panos de brises e do coroamento do edifício.

Fonte: Acervo de PVJ Arquitetura (2011)

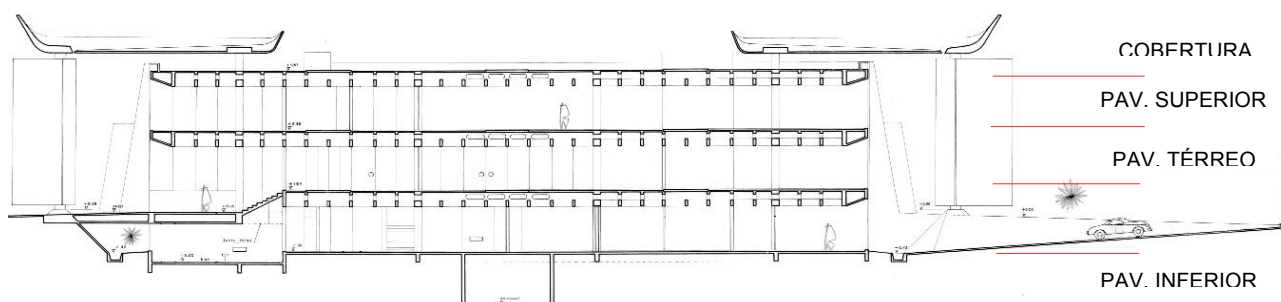


Figura 5: Corte transversal do projeto da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Fonte: CEPLAN (1969) editado pela autora (2013).

O bloco central da Biblioteca Central da UnB teve seu programa distribuído em três pavimentos: subsolo, térreo e pavimento superior. Já nos blocos localizados nas extremidades do edifício principal, o arquiteto distribuiu o programa em apenas dois pavimentos. Os pavimentos são interligados por circulações verticais através de escadas, não possuindo elevadores. Em todo o pavimento térreo distinguem-se três áreas diferentes, sendo uma central onde estão as circulações vertical e horizontal, bateria de banheiros e salas da administração; e duas laterais, que correspondem aos volumes horizontais anexos às extremidades: o da esquerda abriga a coleção geral e sala de leitura, enquanto o da direita foi destinado a abrigar a futura Faculdade de Biblioteconomia, além do setor de periódicos e índices.

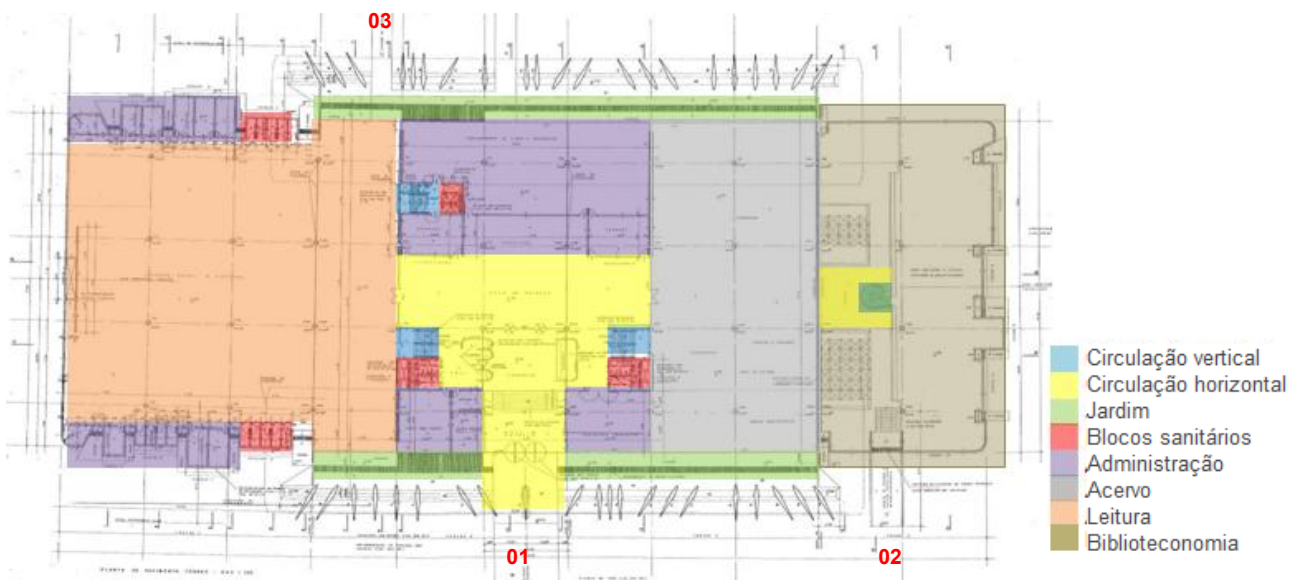


Figura 6: Planta baixa do pavimento térreo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Fonte: CEPLAN (1969) editado pela autora (2013).

O pavimento superior do edifício central, com uma área menor que o térreo, destina-se ao acervo de coleções e obras raras além de áreas amplas de leitura, que também são utilizadas para exposições. Conta ainda com setor administrativo com salas para chefia e pessoal, circulações verticais e horizontais – não contando com elevador social, apenas um elevador de serviço. Assim como no pavimento térreo, o pavimento superior é fechado em um invólucro de vidro protegido pelas grandes placas verticais de concreto armado que formam um quebra-sol gigante e cuja função estática é disfarçada pela independência entre essas placas e a laje de cobertura. Os acessos ao interior biblioteca são feitos por duas entradas distintas: sendo o acesso 01 destinado ao edifício principal e o acesso 02 destinado à Faculdade de Biblioteconomia. O acesso 03 é feito por veículos através do pavimento inferior e destina-se aos setores de manutenção da biblioteca.

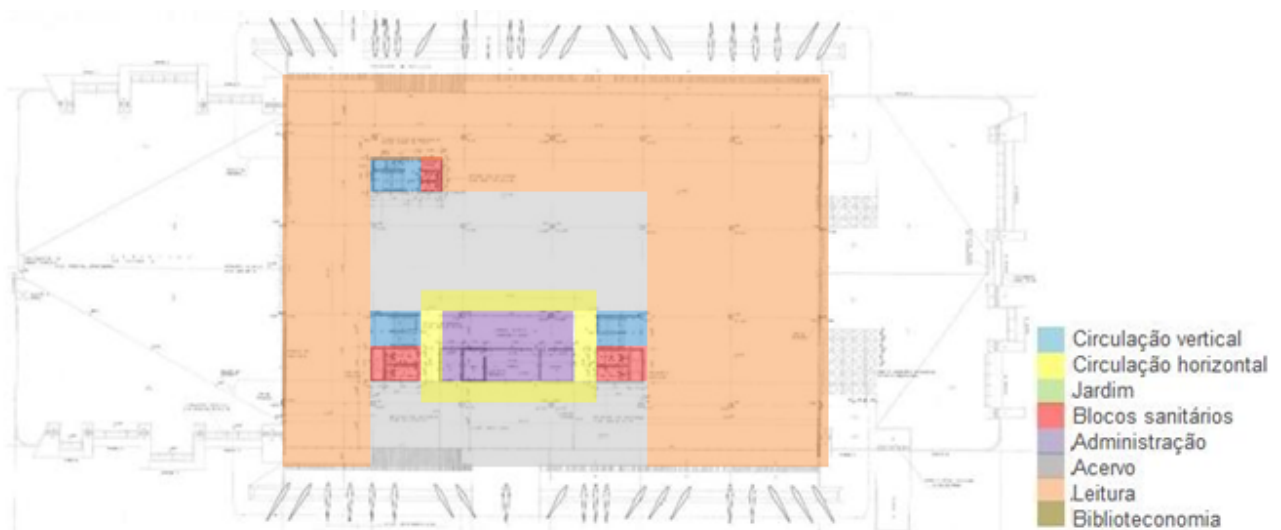


Figura 7: Planta baixa do pavimento superior da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Fonte: CEPLAN (1969) editado pela autora (2013).

No pavimento inferior ou subsolo têm-se também três áreas distintas, como ocorre no térreo, sendo no volume da esquerda uma área prevista para futura ampliação do acervo da biblioteca; e no volume da direita, o espaço foi reservado para a Faculdade de Biblioteconomia. Ao centro estão todas as áreas destinadas ao funcionamento da biblioteca ou “fluxograma do livro” constituindo o circuito técnico do livro, desde sua chegada à biblioteca até a sua colocação na prateleira para uso do leitor. (GALBINSKI, 1993).

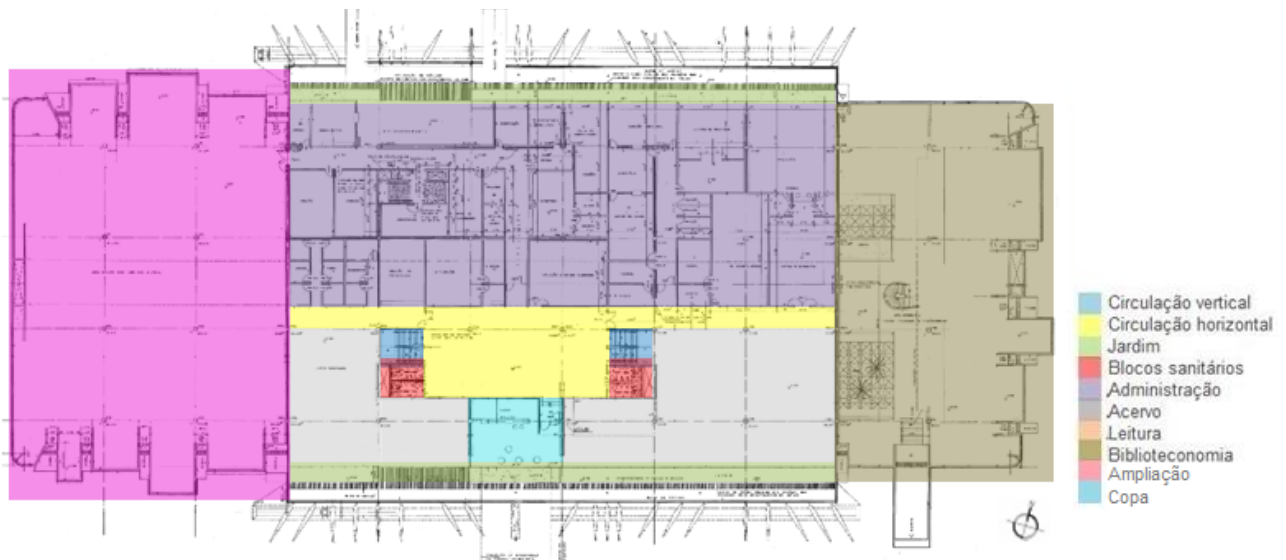


Figura 8: Planta baixa do pavimento inferior da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Fonte: CEPLAN (1969) editado pela autora (2013).

A estrutura possui uma malha de 12 x 12m que se repete no edifício principal e em seus anexos, mas sua modelação não fica evidente em sua fachada. A expressão formal é dada pelo invólucro externo e pelo coroamento do edifício principal e pela forma orgânica dos edifícios anexos, que parecem grandes rochedos incrustados na terra vermelha do Planalto Central. Há uma preocupação construtiva e estética por parte do arquiteto, mas muito mais uma preocupação com uma readaptação construtiva e climática, permitindo que os ambientes internos sejam preservados pelas condições adversas do clima externo. A linguagem brutal de seus exteriores contrasta fortemente com o clima ameno e a calma de seus interiores.



Figuras 9: A entrada principal com o invólucro externo e a caixa de vidro que delimita os ambientes.

Fonte: Arquivo da autora (2013)

A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

O edifício da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, projetado em junho de 1978, pelos arquitetos José Galbinski e Armando José de Carvalho⁸, foi concluído em maio de 1981. A obra está localizada dentro do Campus Universitário da UFPB e situada próxima a três edificações de grande importância para a instituição (a Reitoria, o Centro de Vivências e o Restaurante Universitário), edificações já existentes quando das primeiras intenções para a construção da biblioteca em 1976.



Figura 10: Vista do edifício da Biblioteca Central da UFPB, em João Pessoa, projeto dos arquitetos José Galbinski e Armando de Carvalho.
Fonte: Arquivo da autora (2010)

Os primeiros passos para criação da biblioteca surgiram a partir de 1967⁹, porém desde 1961 que havia uma mobilização para sua criação dentro do regimento da UFPB. A sua concretização só se deu no ano de 1976 com o início da construção do prédio definitivo em uma área construída de 8.500m². A Biblioteca Central foi criada opondo-se à tradição inadequada de múltiplas bibliotecas dispersas nas várias unidades de ensino da universidade - um sistema oneroso que gerava duplicações desnecessárias de acervo e de processos técnicos e administrativos

Como citado anteriormente, a biblioteca foi situada próximo a três edificações de grande importância para a instituição, edificações já existentes quando da construção da biblioteca. Assim como no caso da biblioteca central da UnB, a Biblioteca Central da UFPB foi implantada em meio aos demais edifícios de serviços da universidade criando um espaço ao centro geodésico do campus onde os estudantes dos diversos centros de ensino pudessem se encontrar e se reunir. A BC-UFPB foi projetada enquanto edifício monumental, se destacando pelo seu porte e por sua importância, enquanto os demais edifícios apresentavam menores dimensões. Mesmo assim, o projeto da biblioteca respeitou e dialogou com a linguagem dos demais edifícios.

⁸ Armando de Carvalho é arquiteto colaborador do projeto e trabalhava na Prefeitura Universitária da UFPB.

⁹ Antes de sua construção, segundo Fúlvio Pereira (2008), a biblioteca era localizada em outro prédio (atual Reitoria) que foi projetado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, em 1968, através de concurso público, no qual participaram também Waldecy Pinto, Leonardo Stuckert e Carlos Alberto Correia de Lima.



Figura 11: Localização da Biblioteca Central da UFPB (em vermelho), no Campus Universitário. Em azul, a Reitoria, em amarelo o Restaurante Universitário, e em verde o Centro de Vivência.
 Fonte: Google Maps editado pela autora (2013)

Sua fachada principal se volta um pouco para noroeste de forma a fazer a integração com os demais edifícios e formar o “centro universitário” ponto de encontro e convivência da população universitária. O sentido dessa orientação não é favorecido pela ventilação natural que ocorre na região já que em João Pessoa há a predominância de ventos de direção sudeste, com variantes de nordeste, durante nove meses do ano. Em sua porção sudeste correspondente à fachada posterior que o edifício está em contato direto com a Mata Atlântica existente no entorno. A edificação possui recuos quase imperceptíveis, se considerarmos sua escala monumental, mas é perceptível observar que estrutura e vedação estão nitidamente separadas.



Figura 12: Implantação da Biblioteca Central em meio aos demais edifícios importantes da Universidade.
 Fonte: FIALHO & XAVIER, editado pela autora (2013).

A biblioteca possui uma monumentalidade própria de um edifício que se preze a abrigar esta função, mas aqui ela dialoga com o porte da vegetação atlântica de seu entorno. A grande cobertura plana em grelha de concreto aparente, excedendo os limites de fechamento do edifício, favorece o sombreamento interno do edifício e de seus peristilos. Além disso, os detalhes de sua ampla e alta colunata parecem remeter aos grandes e altos troncos das árvores que sustentam os galhos e as folhagens que garantem a sombra para as áreas de circulação. Aqui é notória a utilização da estrutura e do detalhe construtivo como expressão plástica da obra arquitetônica.



Figuras 13: Imagem geral com destaque para a colunata e o detalhe da junção entre os pilares e as vigas.

Fonte: Arquivo da autora (2010)

A obra foi construída ocupando uma área de 8.500 m² e seu programa foi distribuído em dois diferentes blocos, porém formalmente integrados. O primeiro, mais verticalizado, possui três pavimentos conectados por escadas e por elevadores, se constitui por uma grande cobertura suspensa por uma extensa colunata com pilares cruciformes em suas fachadas principais - noroeste (frontal) e sudeste (posterior). Essas duas fachadas são fortemente marcadas também pelo extenso uso dos *brises-soleil* verticais preenchidos por esquadrias em vidro.



Figuras 14: Acesso principal ao edifício composto por três pavimentos, e o edifício administrativo e de serviços composto apenas por um pavimento térreo (ao fundo o edifício principal).

Fonte: Arquivo da autora (2010).

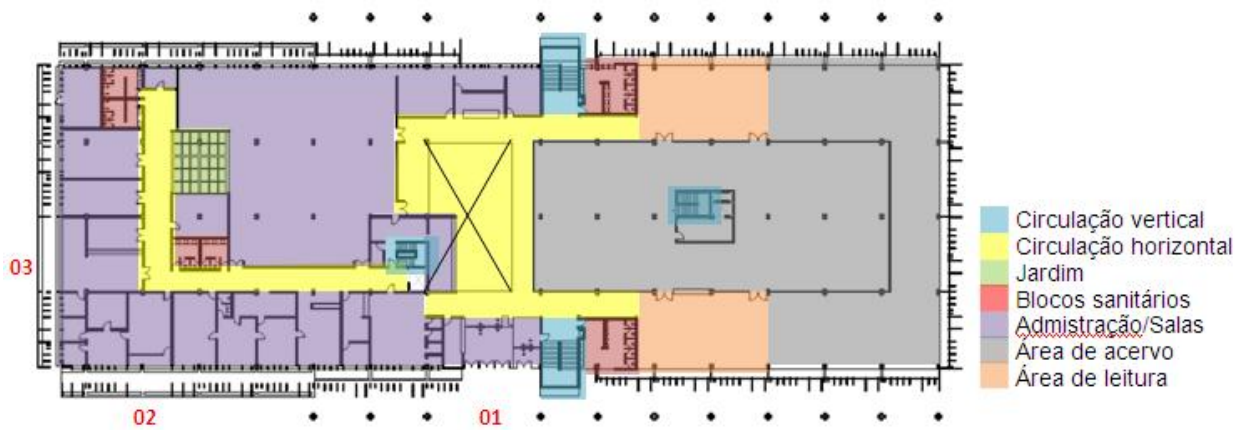


Figura 15: Planta baixa do Pavimento Térreo da Biblioteca Central da UFPB com destaque para os acessos ao edifício, sendo dois principais (frontais) e um de serviço (lateral-esquerda).

Fonte: Divisão de Estudos e Projetos da Prefeitura Universitária – PU/DEP (2009) adaptada pela autora (2012)

Os acessos ao interior biblioteca são feitos por três entradas distintas: duas na fachada noroeste e uma na fachada nordeste. A entrada principal e destinada aos alunos e visitantes da universidade é feita pelo acesso 01, os alunos de ensino fundamental/médio e funcionários tem entrada permitida pelo acesso 02, a área de carga e descarga por onde também se dá a entrada de funcionários, é feita pelo acesso 03. De frente para o prédio está um extenso jardim gramado com uma pequena mata de paus-brasil e de outras espécies nativas, e na parte posterior, uma reserva de mata atlântica. Em suas laterais existem duas áreas para estacionamento de veículos.

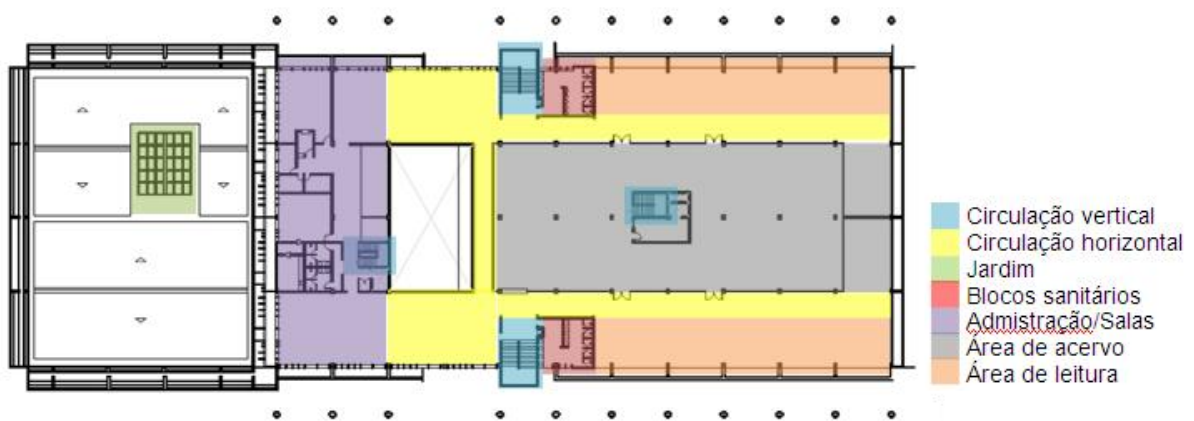
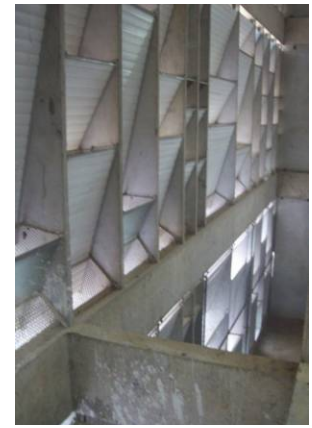


Figura 16: Planta baixa dos Pavimentos Superiores da Biblioteca Central da UFPB.

Fonte: Divisão de Estudos e Projetos da Prefeitura Universitária – PU/DEP (2009) adaptada pela autora (2012)

Já em suas fachadas nordeste e sudoeste há a predominância da utilização dos *brises-soleil* tanto verticais quanto horizontais com pouca utilização do vidro. Neste bloco funciona a parte do acervo com seções diversas, leitura, salas para aulas e serviços direcionados para atendimento direto ao público. O bloco térreo está ligado ao prédio principal através de sua fachada sudoeste e abriga a área restrita dos funcionários e serviços, e uma parte de atendimento, acervo e área de leitura para os alunos do ensino fundamental e médio.



Figuras 17: Destaque para o amplo pano de brises-soleil nas fachadas e dos detalhes construtivos

Fonte: Arquivo da autora (2010)

A estrutura da edificação tem todos os seus elementos aparentes o que nos faz ver claramente a modulação, que também se estende para os detalhes construtivos. As tubulações também são aparentes facilitando a manutenção. A planta livre encaixa-se de forma adequada com a função a qual o prédio se destina, com ela é possível uma maior flexibilidade nos ambientes que podem ser modificados de acordo com a necessidade, possibilita o crescimento, uma boa disposição de estantes e mesas, e melhor circulação. As paredes não são estruturais sendo, em alguns casos, divisórias de madeira e de vidro.



Figuras 18: Detalhe do hall de entrada com pé-direito alto e do jogo volumétrico dos níveis superiores.

Fonte: Arquivo da autora (2010)



Figuras 19: Detalhe das áreas de acervo e de leitura da BC-UFPB.

Fonte: Arquivo da autora (2010)

CONCLUSÃO

Portanto, muito mais do que apenas identificar “*conexões brutalistas*” entre os edifícios, procuramos evidenciar através da apresentação e do estudo dos dois projetos das bibliotecas centrais projetadas por José Galbinski e equipes, as especificidades que se destacam em cada projeto mesmo que ambas apresentem apenas, a um primeiro momento e com um olhar menos atento, uma aproximação estilística da linguagem do concreto armado aparente.

Não podemos desconsiderar que ambos os edifícios apresentam uma arquitetura em que a dimensão estética encontra destaque e autenticidade no potencial expressivo dos elementos construtivos, priorizando a poética da construção. Porém, com um olhar mais atento, o que se destaca nos dois projetos é a preocupação em integrar o objeto arquitetônico ao meio geo-ambiental e às condições pré-existentes. Nota-se também que o arquiteto e as equipes tiveram a preocupação de não aceitar soluções unitárias para problemas de semelhantes naturezas.

As diferentes condições climáticas, ambientais, sociais, econômicas, temporais, etc. estão refletidas em cada projeto. Cada detalhe dos projetos foi pensado de acordo com essas especificidades. Evidencia-se a valorização do lugar e das forças do contexto a fim de enriquecer a significação da arquitetura, seja ela produzida no Sudeste ou no Nordeste, no Norte ou no Sul, muita mais do que apenas a valorização de características de ordem superficial e plástica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAYABA, Marlene. FICHER, Silvia. **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- BASTOS, Maria Alice. ZEIN, Ruth. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FRAMPTON, Kenneth. **Perspectivas para um regionalismo crítico**. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.
- GALBINSKI, José; **Planejamento físico de bibliotecas universitárias**. José Galbinski, Antonio L.C. de Miranda, auxiliar Frederico Flósculo. Brasília; PROBIB, 1993.
- GREGOTTI, Vittorio. **O exercício do detalhe**. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
- MIRANDA, Antonio. **Arquitetura de bibliotecas: experiência brasileira**. In: X Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Fortaleza: UFC, 1998.
- MONTENEGRO, Agrimar Santa Cruz. **UFPB: etapas do desenvolvimento**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1983. 67p.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- ZEIN, Ruth. **A arquitetura da escola paulista brutalista (1953-1973)**. Tese de doutorado. São Paulo/Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAR/UFRGS, 2005.